

## **Patrimônio e memória local: O estado da arte do inventário de referências culturais do bairro Benfica**

Antonio Gilberto Ramos Nogueira<sup>\*&</sup>

**Resumo:** Este artigo procura discutir a experiência do Grupo de Estudos e Pesquisa em Patrimônio e Memória – GEPPM/UFC no desenvolvimento de uma metodologia de inventário de referências culturais aplicada na escala do bairro do Benfica na cidade de Fortaleza. A motivação que conduziu a reflexão foi suscitada pela necessidade de enfrentar uma série de questões de ordem metodológicas colocada ao historiador quando se tem o patrimônio cultural como objeto de pesquisa. Ao considerarmos os inventários como importante instrumento de identificação, documentação e produção do conhecimento histórico, o historiador que se utiliza desta ferramenta está diante da seleção e da escolha de uma história e de uma memória a serem preservadas. Neste sentido, procuramos identificar por meio do inventário de referências culturais as diferentes formas de apropriação e produção de sentidos que conformam as diversas configurações do bairro em sua interface com a cidade.

**Palavras-chave:** patrimônio, memória, inventário, referências culturais, Benfica.

**Résumé:** Cet article traite de l'expérience du Groupe d'Etudes et de Recherche en mémoire et patrimoine - GEPPM / UFC dans le développement d'une nouvelle méthodologie de références culturelles appliquées dans un quartier de Benfica dans la ville de Fortaleza. La motivation qui a conduit le débat a été conduit par la nécessité d'aborder un certain nombre de questions méthodologiques soulevées lorsque l'historien a le patrimoine culturel comme un sujet de recherche. Lorsque l'on considère les stocks comme des outils importants pour l'identification, la documentation et de production de la connaissance historique, l'historien qui utilise cet outil se trouve sur la sélection et le choix d'une histoire et une mémoire à préserver. En ce sens, nous avons cherché à identifier grâce à l'inventaire des références culturelles des différentes formes de propriété et de production de sens qui composent les différents paramètres du quartier dans son interface avec la ville.

**Mots-clés:** patrimoine, memoire, inventaire, références culturelles, Benfica.

### **Introdução**

Criado em 2007, e desde então vinculado ao Diretório de Pesquisa do CNPQ, o GEPPM, tem se constituído em um grupo multidisciplinar que congrega os mais diferentes interesses de estudantes, pós-graduados (mestrado e doutorado), professores, e profissionais de diversas áreas.

Tomando como base uma bibliografia especializada na relação entre história, memória e patrimônio, o GEPPM tem contribuído para ampliar o debate sobre o processo de dilatação da noção de patrimônio cultural e a conseqüente potencialização das questões relativas às práticas preservacionistas. Imbuído desse propósito, várias ações (projetos, seminários, oficinas, exposições, trilhas, etc.) convergiram para a

produção de reflexões em torno das práticas urbanas e das diferentes formas de apropriação e produção de sentidos que conformam as diversas configurações do bairro Benfica em sua interface com a cidade.

Como anunciado, a motivação que conduziu esta reflexão, a partir de uma exposição do estado da arte da pesquisa em questão, foi suscitada pela necessidade de enfrentar uma série de questões de ordem metodológica colocada ao historiador quando se tem o patrimônio cultural como objeto de pesquisa.

Ao considerarmos os inventários como importante instrumento de identificação, documentação e produção do conhecimento histórico, o historiador que se utiliza desta ferramenta está diante da seleção e da escolha de uma história e de uma memória a serem preservadas. Neste sentido, quando identificamos e registramos determinados bens e práticas culturais que informam das diferentes formas de apropriações e configurações espaço-temporais, estamos falando de memórias sociais em conflito e da atribuição de sentidos que orientam a produção de evidências. Eis a razão e os dilemas do ofício do historiador, e em particular, do historiador do patrimônio cultural.

### **Inventário de referências culturais do Benfica: uma metodologia em construção**

Com o alargamento da noção de patrimônio cultural, orientado pela moderna concepção antropológica de cultura, a falsa dicotomia entre móvel e imóvel, tangível e intangível vem paulatinamente sendo superada. Também é notório que a expressão passou a designar igualmente tanto o patrimônio consagrado, como o não consagrado, e é nesta nova orientação que situa este projeto.

No processo de ressemantização do conceito de patrimônio a noção de referência cultural traz em seu bojo a idéia de valores e sentidos que atribuímos a determinados bens e práticas culturais. Referência neste sentido é, pois, tudo que designa a experiência de uma dada realidade social e cultural construída historicamente. Em relação aos bens patrimoniais são os marcos e monumentos edificados ou naturais, assim como as expressões das artes e ofícios, da religiosidade e de suas festas, dos folguedos e diferentes formas de expressão e dos lugares em que tais referências são socialmente reatualizados (Arantes, 2004).

Os inventários passaram a ocupar uma posição distinta nas novas políticas de memória até então dominada pelo instrumento do tombamento e os correlatos restauração e conservação. Enquanto instrumentos de identificação têm possibilitado

mapear e reconhecer por meio do registro os valores referenciais das identidades sociais em sua natureza dinâmica figurando como uma espécie de cartografia dos sentidos na apreensão dos usos e apropriações do patrimônio cultural.

Consoante ao contexto atual das cidades brasileiras, – caracterizadas pelo processo acelerado de intervenções e intensas transformações – os inventários quando aplicados em situações urbanas constituem instrumento valioso para a prática preservacionista e importante ferramenta para ampliar o conhecimento histórico. Neste sentido, identifica-se um amplo movimento de apropriação deste recurso por instituições culturais, associações comunitárias, universidades, escolas, etc., com vistas a fundamentar uma educação patrimonial e promover a valorização das memórias e histórias locais.

É nesse movimento que se justifica a relevância do projeto *Patrimônio e memória local: Inventário de referências culturais do bairro do Benfica*, que o GEPPM vem desenvolvendo desde 2007. A escolha do bairro não foi aleatória. Lugar fundador da Universidade Federal do Ceará, em 1957; desde então, a história e a memória do bairro confunde-se com a própria trajetória da instituição entrelaçada pelas fronteiras e territórios que cotidianamente são construídas pelos diferentes sujeitos que praticam aquele espaço configurando lugares (Certeau, 1994). Nesse processo, consideramos as histórias, as memórias, as afetividades, enfim, os valores e sentidos socioculturais que são atribuídos aos bens e que constituem um complexo trabalho social de produção dos referenciais identitários de todos nós que vivemos o Benfica.

Estimulados pela idéia de contribuir para a construção de uma cartografia dos sentidos do Benfica, onde pudéssemos perceber como a comunidade universitária, moradores, trabalhadores (formais e informais) e frequentadores de um modo geral se relacionam no bairro e com o que estamos chamando de patrimônio, estabelecemos os seguintes objetivos para o inventário:

Identificar por meio do inventário de referências culturais as diferentes formas de apropriação e produção de sentidos que conformam as diversas configurações do bairro em sua interface com a cidade.

Desenvolver uma metodologia de inventário em consonância com o lugar da história e as especificidades do bairro Benfica

Localizar as instituições de pesquisa de interesse onde serão realizados os levantamentos de fontes, com o preenchimento de formulário específico

Produzir um banco de dados que fomente as pesquisas históricas e forneça subsídios para as ações preservacionistas e a melhoria da qualidade de vida para toda a comunidade

Elaborar um diagnóstico que auxilie na constituição dos pressupostos para o exercício da educação patrimonial

Avaliar preliminarmente o material histórico pesquisado com a eleição dos focos/lugares referenciais de apropriação social e com o mapeamento histórico das referências culturais tangíveis e intangíveis (permanência e transformações)

Elaborar texto analítico sobre o mapeamento preliminar das referências culturais do bairro Benfica

Para a confecção do inventário buscamos inspiração na metodologia do INRC – Inventário Nacional de Referências Culturais, desenvolvido pelo IPHAN. Contudo, concordamos com as críticas das historiadoras Marta Abreu (2007) e Márcia Chuva quanto ao uso dessa metodologia, sobretudo ao papel coadjuvante da história no sentido de legitimar a antiguidade do bem: “a História, porém, entra de modo secundário para a coleta de dados históricos sobre o bem, perdendo, com isso, a dimensão diacrônica e sua associação com o trabalho de construção da memória” (Chuva, 2008: 42).

Para não incorrer em uma prática que tende a torna-se bastante corriqueira em trabalhos de construção da memória, quando não se dedica a devida atenção, alguns trabalhos de colegas historiadores ou professores de história acabam convergindo para apenas corroborar a tradição. É preciso problematizar e construir uma análise crítica do processo e das tensões que envolvem a construção da memória social. Afinal, o historiador que se utiliza desta ferramenta (inventário) precisa estar ciente de que está produzindo evidências a partir da seleção e da escolha de uma história e de uma memória a serem preservadas.

Perseguindo este raciocínio, devemos assumir a condição de “historiador inventariante”, visto que estamos produzindo um conhecimento no campo do patrimônio segundo as regras do ofício do historiador. Quanto à metodologia do inventário de referências culturais na escala do Benfica, podemos afirmar que é um processo que ainda está em construção.

Tomamos como partida os procedimentos do INRC com objetivo delimitar e caracterizar o “sítio” do Benfica – conceito compreendido aqui como configuração sócio-espacial e não como uma categoria espacial no sentido físico – a partir de três etapas: levantamento preliminar, identificação e documentação (Arantes, 2004).

Nesta primeira etapa, a metodologia do inventário centrou foco na identificação dos aspectos do sítio original e nos elementos que informam do processo de urbanização e configuração atual do bairro. Ou seja, os resultados parciais das pesquisas têm apontado para três momentos distintos que diferenciam a ocupação e conformação do bairro: o “sítio do Benfica”, referência às várias chácaras do final do séc. XIX, lugar de “bem viver” e “bem ficar”; a formação do bairro propriamente dita com o loteamento das áreas ocupadas pela família Gentil até a década de 1930, a fase moderna; e, a chegada da Universidade, em 1956, quando se inaugurou uma reconfiguração do lugar a partir de um processo de transformações significativas implantados para a instalação da UFC. .

Foram feitos levantamentos de fontes primárias no Arquivo Público do Estado do Ceará – APEC (notadamente a documentação cartorial, mapas e plantas da cidade de Fortaleza), na Biblioteca Pública Menezes Pimentel – BPMP, no Museu de Arte da UFC – MAUC, no Núcleo de Documentação Cultural – NUDOC/UFC, no Memorial Pinto Martins – UFC, no Museu do Ceará, no Museu da Imagem e do Som – MIS/CE, em acervos privados da cidade: Arquivo Nirez e Arquivo Targino Lopes. Pesquisas bibliográficas (acadêmicas e memorialistas) que subsidiaram a problematização de determinadas temáticas, assim com também o primeiro levantamento das festas e blocos de carnaval do bairro e o primeiro registro fotográfico que busca evidenciar os elementos da arquitetura e modos de morar do Benfica.

Também está em desenvolvimento uma lista dos focos/lugares referenciais que orientam estrategicamente as apropriações individuais e coletivas do espaço público (equipamentos culturais da UFC, escolas, Biblioteca Dolur Barreira, Conservatório Musical Alberto Nepomuceno, bares, confrarias, sedes de partidos políticos, ONGs, etc.) e uma primeira seleção de depoentes identificados para entrevista e de pessoas a serem contatadas para fornecerem informações à equipe do projeto.

**A delimitação oficial:** o Benfica através das legislações do município

O Diário Oficial do município de Fortaleza, datado de 02 de dezembro de 1946, assim institui a delimitação do Bairro *Bemfica*:

Bemfica: com a zona Urbana, bairro Joaquim Távora até o prolongamento do córrego Joaquim Távora até o prolongamento do córrego “Tauápe”, por este,

passando pela lagoa do Tauápe, atravessando a avenida João Pessoa até a rua Carapinima; avenida do Imperador e Zona Urbana.  
Nome tradicional, sempre mantido.

Podemos destacar nesta citação a referência aos marcos naturais, *córrego Tauápe* e *lagoa do Tauápe* como fatores de delimitação do bairro.

Um pouco mais tarde, em 1961 o Guia Turístico da Cidade de Fortaleza, editado pela Prefeitura Municipal apresenta a delimitação do bairro através da referência às ruas que fazem fronteira com os bairros vizinhos: “Benfica – ao Norte, pela Rua Antônio Pompeu e Rua Luís de Miranda; a Leste, pela Rua Senador Pompeu e Avenida dos Expedicionários; ao Sul, pela Avenida do Imperador, Rua Carapinima e Avenida José Bastos.”

No ano anterior a Lei 1671/60 já apresentava estas ruas e os bairros vizinhos como zona limítrofe do Benfica. Podemos notar que os marcos naturais antes relacionados foram agora definitivamente suprimidos da referência oficial.

A partir desta constatação podemos supor transformações no espaço físico do bairro, como o aterramento da lagoa a extinção do riacho referido. Contudo estas são apenas algumas injunções de primeira hora. Se insistirmos um pouco mais poderemos supor uma mudança também de discurso sobre o espaço. É factível supor que o poder público buscando implementar um discurso de modernização do espaço urbano viesse a apagar as marcas que remetessem ao mundo rural.

Contudo, os mapas e plantas<sup>12</sup> da cidade até agora consultados continuam a referir o Benfica como uma das poucas áreas arborizadas na cidade. Nesse paradoxo cabe-nos aprofundar a pesquisa nas fontes oficiais, documentos do poder público municipal e a cartografia urbana de Fortaleza, a fim de verificar os fundamentos do suposto discurso modernizante para o espaço urbano e como ele veio a se estabelecer.

Estes registros dos marcos naturais também nos remetem a<sup>3</sup> outras questões sobre o uso dos mesmos pela população do Benfica àquele momento. Neste ponto, uma possibilidade de respostas pode ser encontrada a partir das pesquisas de história oral. Cabe investigar junto aos mais antigos moradores do bairro sobre as memórias de uso destes recursos naturais e de sua conseqüente extinção. Contudo, estas são também, apenas proposições, que a continuidade da pesquisa poderá realizar, ou não.

Passemos agora às pesquisas realizadas em fontes cartoriais no Arquivo Público do Estado do Ceará.

## **Fontes cartoriais:** pesquisa no Arquivo Público do Estado do Ceará – APEC

Tendo como objetivo selecionar fontes para a compreensão da organização espacial e estruturação inicial do Benfica, deparamo-nos, em destaque, com uma primeira referência ao dito local na segunda metade do século XIX: um sítio homônimo. Este veio a tornar-se bastante conhecido a partir de 1862, quando o seu proprietário, José Paulino Hoonholtz, é contratado pelo Governo Provincial para projetar e construir o primeiro sistema de encanamento de água potável de Fortaleza, a partir das fontes existentes no sítio.<sup>4</sup>

O correr da empreitada seguiu por grandes mudanças. Em apenas seis meses o contrato de emprego da obra é repassado a uma empresa londrina por petição do próprio Hoonholtz. Adiante surgiram inúmeras dificuldades e, por isso, temporais, no quesito término imediato. O próprio contrato, por exemplo, traz consigo um dos futuros problemas, e talvez o mais intolerado, o da definição do preço de venda do caneco d'água<sup>5</sup> para uma população acostumada na obtenção gratuita do líquido nas cacimbas e chafarizes públicos espalhados pela capital. As críticas estavam na boca do povo. Tanto que demos voz aos literatos da Padaria Espiritual que fizeram a seguinte garantia, em tom de pilhéria, como de praxe, a quem comparecesse numa certa manifestação: “No domingo próximo compareçam ao Forno da Padaria (...) Depois de servir-se de um copo d'água... do Benfica, **que corre por nossa conta...**”<sup>6</sup>

Contudo o último golpe na fadada empresa foi a grande seca de 1877 quando, não havendo água nos reservatórios para suprir os chafarizes, suspendeu-se o abastecimento. Nisto colhemos valiosas pistas sobre a já necessária e nova disposição do espaço, até que:

Abandonados totalmente os interesses dessa Companhia, que há muito não tinha gerente nem representantes na Província, foram suas propriedades e terrenos seqüestrados para pagamentos de dívidas e, postos em hasta pública, apesar das diligências feitas pelo respectivo vice-cônsul Inglês, foram entregues aos arrematantes.<sup>7</sup>

Assim, nas últimas décadas oitocentistas, o grande sítio Bem-Fica foi dividindo-se em variados lotes. As escrituras datadas de 1892 utilizam a referência “no lugar Benfica”, provando a então inexistente unidade de outrora: “Escriptura de hypotheca que fazem José Oriano Menescal e sua mulher, de diversos bens nesta cidade de

Fortaleza, ao Banco do Ceará para garantia de 31: 590 \$ 200 [...] “**Um sítio no lugar Benfica**” arrabaldes desta mesma capital. ”<sup>8</sup>

A virada do século delineia o nascente bairro com a instituição da “freguesia do Benfica”<sup>9</sup> e a construção do significativo *boulevard* Visconde do Cauhye perfilado de variada tipologia de imóveis, eram casas térreas, sobrados, abarracadas, sítios e chácaras.

Freguesia do imóvel: Benfica

Escritura de hypotheca que fazem José Correia de Amaral e sua mulher, da casa térrea no boulevard de Visconde de Cauhye, de trez portas de frente, nesta cidade de Fortaleza, a Antonio Furtado de Mendonça para garantia de R\$ 1: 300 (um cento e trezento mil reis) ...hypothecario a casa térrea de propriedade exclusiva de seu casal, nesta capital, no boulevard do Visconde de Cauhye, pertencente de quarteirão inteiro e suas servidões e fazendo esquina com a rua denominada “dos Coelhos”, prédio esse que se acha livre e desembaraçado de todo e qualquer ônus judicial, hypotheca legais, e outras, e até mesmo de responsabilidade por tutoria de orphão...<sup>10</sup>

Nossa pesquisa tende, portanto, a dar continuidade à consulta nos fundos de Cartório (ex. Feijó), onde se encontram as diversas escrituras de compra e venda e de hipoteca do período final do séc. XIX. Visando também demais registros, como os relatórios da presidência provincial, buscaremos lançar as bases da compreensão de significados e formas de existência na emergente dinâmica cidade-subúrbio.

**Paisagens arquitetônicas:** construções residenciais no Benfica do século XX.

Ainda no final do século XIX, como demonstram os documentos encontrados no APEC, inicia-se a implantação de residências no então chamado ‘lugar Benfica’, arrabaldes da cidade de Fortaleza. Inicialmente os domicílios são marcados pela norma do ‘bem morar’, visto que o lugar era tido como bastante agradável e possibilitava uma vida tranqüila, distante da agitação do Centro da cidade, ou seja, um lugar tranqüilo, um ‘lugar de bem ficar’.

Característica herdada do modo luso de habitar e construir, as residências eram instaladas em vastos terrenos, com um jardim abundante de plantas frutíferas e ornamentais, o que caracteriza o tipo Vergel<sup>11</sup>, muito comum em alguns países da Europa, inclusive Portugal.

Vergel, como podemos ver na poesia de mesmo título de Rainer Maria Rilke, trata-se de um jardim, com o diferencial de ser um jardim exclusivamente residencial, de múltiplo uso e cultivo:

“Talvez a ousadia de haver te escrito,  
Língua emprestada, fosse para empregar  
Este nome rústico cujo único império  
Me aturdiu desde sempre: Vergel.

Pobre poeta que deve eleger,  
Para dizer tudo que este nome compreende,  
Um algo vago que soçobra  
Ou sobra: a cerca que proibe.

Vergel: ó privilégio de uma lira  
De poder-te nomear tão somente;  
Nome sem igual que atrai abelhas,  
Nome que respira e espera

Nome claro que esconde a primavera antiga,  
Completamente pleno e transparente,  
E que em suas sílabas simétricas  
Redobra tudo e torna-se abundante.”

**Art déco:** a presença nas construções da segunda metade do século XX

Em meados do século XIX o Brasil ainda era dominado pelas construções de estilo clássico, feitas a partir de modelos e materiais importados da Europa, o que não seria diferente no Ceará.

Mesmo com o domínio do chamado estilo clássico, com o advento da industrialização no Brasil, esse panorama começou a mudar. Trazido pelos alemães adotou-se, lentamente as construções do modernismo ou simplesmente o estilo conhecido por *art déco*<sup>12</sup>, importante ressaltar que neste período os materiais necessários para a construção civil já vinham sendo produzidos no país, sendo desnecessário, de todo, importar.

A matéria-prima para essas novas construções era o concreto vindo a substituir paulatinamente, entre outros, as estruturas de madeira usadas em vigas e pisos e até mesmo nos forros.

O bairro do Benfica também acompanhou todas essas transformações, incorporando em suas edificações significativa herança do modernismo. O bairro

transitou das chácaras, (o que caracterizava ainda a vida rural), para as ‘casas de concreto’ demonstrando assim a adesão à industrialização aplicada à arquitetura local. Mesmo assim, as residências não se desvinculavam totalmente dos jardins, por exemplo, sendo estes traços remanescentes da anterior vida rural.

Nas atuais ruas Instituto do Ceará e João Gentil existem exemplares remanescentes de construções no estilo *art déco*. As casas da rua Instituto do Ceará são construções deste estilo arquitetônico, pertencentes à uma classe social menos abastada, que mesmo com poucos recursos ensinava seguir a moda ditada naquele momento.

Nestas construções mais simples todo o lote era usado para aproveitar ao máximo o espaço. O uso característico de linhas retas, por muitos chamada estilo caixa d’água, forma cúbica, entre outros, configuram estes exemplos que podem ser identificados como imitações populares do estilo *art déco*..

Outro exemplar deste estilo é a Casa de Cultura Britânica que segue um modelo construído para a classe social mais abastada. Nesta, a construção não usa por completo o lote, deixando espaços para jardins – lembrando as antigas chácaras; há ainda a entrada para carro, fachada com linhas retas e formas arredondadas. Importante destacar que neste período o jardim retoma o seu *status* e se apresenta como símbolo de imponência e poder financeiro dos proprietários, para tanto ficava sempre à vista dos transeuntes.

Na atual rua dos Remédios há outros exemplares do *art déco* que foram construídas nos anos 1950 em forma de vila para atender à classe média, hoje com algumas alterações. Neste momento, com o processo de industrialização, muitos ruralistas tiveram que adaptar-se às mudanças econômicas do país, aderindo à construção de vilas de casas para alugar ou vender, sendo este um novo modo de obtenção de renda para subsistência na cidade que cada vez mais se desenvolvia.

Esta pesquisa revelou ainda a identificação de diversos materiais e técnicas construtivas do período, donde se destacam o uso de ladrilhos hidráulicos e da arte da serralheria, inicialmente executada em madeira e posteriormente transferida aos suportes de ferro fundido e ferro soldado. Estes materiais revelam não apenas o uso de um artefato construtivo, ou decorativo, mas a existência de ofícios específicos, hoje em desuso quase total. Ao passo que a pesquisa avança buscaremos aprofundar o estudo destas especificidades.

**UFC & Benfica:** uma relação ambígua

Se há consenso de que a chegada da UFC na cidade significou o sopro da modernidade ensejado pelas transformações que Fortaleza vivia; para o Benfica representou, de imediato, um processo de revalorização do bairro. Na contramão do processo de mudança da burguesia para a Aldeota, que se incomodava com a proximidade com o Centro, houve um considerável deslocamento de investimentos no desenvolvimento da economia de serviços e principalmente no setor imobiliário (já que agora as casas dos moradores passaram a ser alvo para acomodar residências de estudantes vindos do interior e de fora do Estado).

Desde a primeira aquisição do palacete da família Gentil, logo remodelado e ampliado, pelo reitor Martins Filho, para abrigar a reitoria, muitas outras propriedades foram sendo adquiridas para a instalação dos vários equipamentos da universidade delineando uma nova configuração no espaço físico natural e construído do bairro

A construção da Concha Acústica, inaugurada em 1959, foi responsável pela derrubada de árvores no Benfica modificando a paisagem local. Heloísa Facó, que foi cerimonialista durante trinta e cinco anos na UFC, lembra: “O arvoredo era o que dava harmonia paisagística ao bairro. O restinho de mata benfiquense está na área de Letras, Faculdade de Educação e Casas de Cultura” (Universidade Pública, 2008: 18). Nem mesmo este “restinho de mata benfiquense” ficou ileso à contínua política de expansão da universidade, quando encerrou mais recentemente (2007) a polêmica em torno da derrubada de mangueiras da área I do Centro de Humanidades, para a construção dos novos blocos didáticos das Casas de Cultura e ampliação dos blocos da Faculdade de Educação e Letras.

Por ocasião das comemorações dos 40 anos do Centro de Humanidades (2009), tivemos (GEPPM) duas oportunidades de intensificar as investigações em torno das relações nem sempre harmoniosas entre a UFC e o Benfica. A primeira, quando redirecionamos o projeto e passamos a inventariar os bens edificados da UFC na Avenida da Universidade (ainda não finalizado); a segunda, quando realizamos a exposição *Fotografia & Memória: 40 anos do Centro de Humanidades*, no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará – MAUC, complementada por várias trilhas que objetivavam o primeiro exercício de sensibilidade estética com a comunidade local.

Nas fontes consultadas para o inventário dos bens da UFC, concentrados na Avenida da Universidade – os Boletins da UFC (Memorial Martins Filho), livros de memorialistas e acadêmicos, Índice analítico e iconográfico da Cronologia ilustrada de

Fortaleza (NUDOC) e Jornais locais (BPMP) –, um novo delineamento urbanístico e arquitetônico foi se evidenciando oriundo das primeiras intervenções da universidade no espaço do Benfica no final da década de 1950 e início da década de 1960.

Como já se disse, a aquisição do palacete de José Gentil e a demolição de duas outras residências do mesmo marcou definitivamente a chegada da UFC no Benfica com a instalação da reitoria. Onde hoje funciona a Faculdade de Ciências Sociais e os complexos administrativos da reitoria, foi também fruto da demolição da casa de João Gentil e outras residências. Em frente à reitoria, fazendo esquina com a avenida treze de maio, havia o colégio Santa Cecília e a chácara do Dr. Edgar Arruda, hoje funcionando o MAUC (o novo prédio substituiu o colégio), o Departamento de Arquitetura e Urbanismo e a Rádio Universitária que preservou a casa do médico. Nesse mesmo lado da avenida da Universidade, atravessando a treze de maio, está a área II do Centro de Humanidades. Aqui estavam as residências de Antonio Gentil e a Vila Angelita como era conhecida a casa do Dr. João de Thomé Sabóia e Silva.

Segundo o livro de memórias de Francisco de Andrade Barroso (2004), o nome da vila foi homenagem do Dr. João Thomé (engenheiro e arrendatário da Estrada de Ferro de Sobral) à sua primeira esposa Angela Braga Cavalcante. A casa era um belo exemplar da arquitetura do final do século XIX que manifestava o modo de “bem viver” das famílias mais abastadas do Ceará:

“eram 58,75m de frente por 138,90 de fundos, com amplíssima mansão, de pórtico avançado, cobrindo a porta principal, duas janelas de varandas laterais como se tivessem sido acrescentadas; no jardim, largo e profundo, de gramado muito verde, haviam dois pés de ficus benjamim, sempre bem podados, como hemisférios verdejantes” (idem, 207)

Sobreviveu apenas a torre de observações meteorológicas (com dois pavimentos e um terraço) onde hoje funciona o D.A. de Comunicação Social e o C.A. de Psicologia. (FOTO 4) Todo o restante foi demolido para dar lugar à construção de novos blocos (Instituto de Cultura e Arte – ICA, Departamento de História, Centro de Aperfeiçoamento de Economias do Nordeste – CAEN) que inauguraram a arquitetura modernista como marco simbólico de consolidação da UFC. Também ali se construiu, neste mesmo período, o Clube dos Estudantes Universitários – UFC, restando apenas a “quadra do CEU”. Concebido para ser um complexo esportivo e alojamento durante a realização de congressos, logo tornou-se espaço de sociabilidade e referência das

mobilizações estudantis. Símbolo de resistência, era da “quadra do CEU” que partia a “passeata dos bichos” com destino à Praça do Ferreira durante os anos da ditadura.

Já na área I do Centro de Humanidades (em frente ao CHII), quando se tomou a iniciativa de atribuir novos usos às antigas residências – como se deu quando da instalação das Casas de Cultura francesa, britânica e alemã, moradas de Bráulio Lima, Tomaz Pompeu Magalhães e Francisco Queiroz Pessoa – não houve a preocupação em preservar os imóveis em seus aspectos arquitetônicos originais. No interior dessa área onde se encontra o “restinho da mata benfiquense”, foi construída a Biblioteca do Centro de Humanidades e os cursos de Pedagogia e Letras no lugar da chácara de Dagmar Barroso que tinha frente para a rua Marechal Deodoro.

Outra excelente oportunidade que tivemos para refletir sobre a inserção da universidade no bairro, a partir das memórias que a instituição construiu ao longo dos anos de 1960 a 1980, foi quando tivemos acesso ao conjunto de mais de 23.000 fotografias que estão sob a tutela do MAUC. Dentro do trabalho específico para a exposição dos 40 anos do Centro de Humanidades o GEPPM buscou fazer um levantamento de imagens (fotografias) produzidas pela própria UFC ao longo de três décadas subseqüentes ao seu momento fundador. Assim buscamos problematizar de que forma a própria universidade construiu, constrói e preserva a sua memória ao longo desses 40 anos a partir das imagens produzidas por fotógrafos que faziam parte do seu quadro de funcionários.

Durante a seleção das fotos para a exposição, percebemos que elas poderiam ser enquadradas em diversas temáticas como: a expansão da universidade, inaugurações, eventos culturais e políticos, visitas de ilustres, dia-a-dia da universidade e movimento estudantil. Tais temáticas nortearam a metodologia utilizada na montagem da exposição. As imagens selecionadas, somadas às fontes consultadas para o inventário são pistas importantes para fundamentarmos a historicidade da trajetória de expansão da UFC como um processo contínuo de intervenções no bairro do Benfica em interface com a cidade na construção de referenciais identitários.

Interessa, justamente, nos ocuparmos deste momento de reconfiguração do Benfica a partir da instalação da UFC e, sobretudo, do Centro de Humanidades. Se a instalação da Universidade possibilitou a construção de novos marcos referenciais como bairro da educação, das sociabilidades, da boemia e da organização política, em sintonia com preservação de muitos dos exemplares arquitetônicos de fins do séc. XIX e início do séc. XX, também é verdade que tem contribuído para a descaracterização e até

mesmo para a destruição desse patrimônio. Com esta reflexão, o GEPPM intenciona despertar uma sensibilidade mais aguçada para o trato com os bens culturais edificados e com as práticas sociais que se desenvolvem em seu contexto, contribuindo assim, para a preservação do patrimônio cultural.

## **BIBLIOGRAFIA**

ABREU, Marta. Cultura imaterial e patrimônio histórico nacional. In: **Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

ARANTES, Antonio Augusto. Patrimônio Imaterial e Referências Culturais. In: **III Encontro Regional da América Latina e Caribe – CECA/ICOM – Museus e patrimônio intangível – o patrimônio intangível como veículo para a ação educacional e cultural**. São Paulo: ICOM/CECA/FAAP, 2004.

\_\_\_\_\_. A guerra dos lugares: Sobre fronteiras simbólicas e liminaridades no espaço urbano. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Cidade**. Rio de Janeiro: IPHAN/Minc, nº 23, 1994.

AZEVEDO, Miguel Angelo de (Nirez). **Fortaleza, ontem e hoje**. Fortaleza: PMF/FUNCET, 1991.

\_\_\_\_\_. **Índice Analítico e Iconografia da Cronologia Ilustrada de Fortaleza: Roteiro para um turismo histórico e cultural**. Vol. II. Fortaleza: BNB, 2001.

BARROSO, Francisco de Andrade. **O Benfica de ontem e de hoje: Memória de um época, descrição do bairro, ruas, cãs, equipamentos, instituições, famílias, pessoas, costumes, tradições, folclores. Estado atual**. Fortaleza: edição do autor, 2004.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. Tradução de Cecília Prada. 2ª ed. Revista e atualizada. São Paulo: Studio Nobel, 1997. – (Coleção Cidade Aberta).

CERTEAU, Michel. Andando na Cidade. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Cidade**. Rio de Janeiro: IPHAN/Minc, nº 23, 1994.

CHUVA, Márcia. O ofício do historiador: sobre ética e patrimônio cultural. In: **Anais da I Oficina de Pesquisa e pesquisa histórica no IPHAN/Coordenação-Geral de Pesquisa. Documentação e Referência**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2008.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 2ª. ed. São Paulo: Editora Ática, 1993. (Série Princípios)

FONSECA, Maria Cecília Londres. A pesquisa histórica na promoção do Patrimônio. In: **Anais da I Oficina de Pesquisa e pesquisa histórica no IPHAN/Coordenação-Geral de Pesquisa. Documentação e Referência**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2008.

\_\_\_\_\_. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: **Memória e Patrimônio: Ensaios Contemporâneos**. RJ: DP&A, 2003.

\_\_\_\_\_. Patrimônio Cultural: por uma abordagem integrada (Considerações sobre a materialidade na prática da preservação). In: **Caderno de Estudos do PEP: Contribuição dos palestrantes da 1ª Oficina PEP 2007 – Vassouras**. CPEDOC/IPAHAN/UNESCO, 2007.

HORTA, GRUMBERG e MONTEIRO (org.). **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN\Museu Imperial, 1999.

KERSTEN, Márcia Scholz de Andrade. **Os Rituais do Tombamento e a Escrita da História: Bens tombados no Paraná entre 1938-1990**.

NOGUEIRA, Antonio Gilberto R. **Por um inventário dos sentidos: Mário de Andrade e a concepção de patrimônio e inventário**. (Prêmio Silvio Romero 2004) SP: HUCITEC\FAPESP, 2005.

\_\_\_\_\_. **O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e a Redescoberta do Brasil: A sacralização da memória em pedra e cal**. SP: PUC-SP, 1995. (Dissertação de Mestrado)

\_\_\_\_\_. Patrimônio cultural e novas políticas de Memória. In: **Em tempo: história, memória, educação**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008.

**O lugar de Origem**. In: Revista Universidade Pública, 2008, ano 8, nº 45, p.16-26.

PEREIRA, Ilaina Damasceno. **Lugares no Bairro: Uma etnografia no Benfica**. Fortaleza: PPGG, 2008 (Dissertação em Geografia)

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1978. Rio de Janeiro. IPHAN/COPEDOC, 2007.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem Cultural e Patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

SANT'ANNA, Márcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: **Memória e Patrimônio: Ensaios Contemporâneos**. RJ: DP&A, 2003.

\_\_\_\_\_. Patrimônio imaterial e políticas públicas. In: **Memória e Cultura: A importância da memória na formação cultural humana**. São Paulo: SESC, 2007.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 3<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1994. (Coleção Geografia: teoria e realidade; série Linha de frente)

SEGALA, Lygia. Identidade, educação e patrimônio: trabalho do Laboep. **Revista Eletrônica IPHAN**. Disponível em: <http://www.revista.iphan.gov.br/materia.php?id=138>

STUDART, Barão de. **Datas e Factos para a história do Ceará**, tomo II. Edição Fac-sim – Fortaleza: Fundação Waldemar de Alcântara, 2001

Instituto Antônio Houaiss. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Versão 1.0. São Paulo: Editora Objetiva, 2001. (CD-ROOM)

---

\* Professor do Departamento de História

& Participam do projeto e contribuíram para este texto: Aterlane Martins, Cícera Rozizângela Barbosa Ribeiro, Felipe Evandro, Janaína Muniz Cavalcanti, Juliana Chaves Borges, Maria Josiane Vieira, Rayssa Maria Pereira Araújo, Tiago Cavalcante Porto Yazid Jorge.

1

<sup>2</sup> Os mapas e plantas consultados constam do acervo da Biblioteca Pública Estadual Governador Menezes Pimentel, localizados na Pasta 2, do Setor Ceará, sendo eles: Planta parcial de Fortaleza. MINTER – DENOCS, Polimapas, s/d, s/l. e *Touristic Map* Fortaleza: Sol o ano inteiro. Designers visual. s/d, s/l.; e do acervo particular o mapa constante do Livro/Guia *Fortaleza, Eu te amo*, editado pela Prefeitura Municipal de Fortaleza, circa de 1980.

<sup>4</sup> Existe no APEC uma cópia do contrato na íntegra (total de quinze artigos) datada de 1890, no fundo de obras públicas; também foi transcrito em “*Datas e Factos para a História do Ceará*”, tomo II, do Barão de Studart (apenas os nove primeiros artigos).

<sup>5</sup> O valor inicial era de vinte réis o caneco, havendo a possibilidade de aumento em até quarenta réis de acordo com o art. 4<sup>o</sup>,

<sup>6</sup> “*O Pão*” n.º 2, de 17.07.1892. Grifo nosso.

<sup>7</sup> STUDART, Barão de. *Datas e Factos para a história do Ceará*, tomo II. Edição Fac-sim.- Fortaleza: Fundação Waldemar de Alcântara, 2001, p.195.

---

<sup>8</sup> APEC – Fundo Cartório Feijó, Cx. 03, Escrituras de Hipotecas (1901-1908), p. 21 (09.1901). Grifo nosso.

<sup>9</sup> Com tal instituição faz-se clara a existência de uma paróquia crescida e bem organizada.

<sup>10</sup> APEC – *Idem*, p. 114 (10.09.1902).

<sup>11</sup> **VERGEL** – *substantivo masculino*

terreno plantado de árvores frutíferas; jardim, pomar.

*Etimologia*: prov. fr. *vergel* (1080) 'id.', do lat.tar. *viridiarìum, ìi*, por *viridarìum, ìi* 'id.', de *vìrìdis, e* 'verde'; ver *ver(d)-*; f.hist. sXIII *virgeu*, sXIII *vergeu*, sXIV *vergel* (Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 1.0)

<sup>12</sup> Art déco

locução substantiva; rubrica: história da arte:

estilo decorativo de artes aplicadas, desenho industrial e arquitetura caracterizado pelo uso de materiais novos e por uma acentuada geometria de formas aerodinâmicas, retilíneas, simétricas e ziguezagueantes [Representado em 1925 pela Exposição Internacional das Artes Decorativas, em Paris, teve seu apogeu nos anos 30, mas suas bases estéticas já haviam sido lançadas antes da guerra de 1914.]

Obs.: inicial freq. maiúsc. (Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 1.0)